

**O ROMANCE COMO GUIA DE CONDUTA:
A MORENINHA E OS DOIS AMORES¹**

Valéria AUGUSTI

RESUMO *O Rio de Janeiro assistiu, no século XIX, à ampla circulação de uma literatura de cunho prescritivo cuja finalidade consistia em fornecer valores e padrões de conduta ao leitor. Em meados desse mesmo século, Joaquim Manoel de Macedo consagrou-se como autor de romances os quais foram considerados pela crítica literária do período como portadores de um caráter moralizador. A presente dissertação investiga as relações entre o romance moderno e a literatura prescritiva atendo-se, particularmente, na circulação dessa literatura nas livrarias e bibliotecas do Rio de Janeiro e na análise dos romances A Moreninha e Os Dois Amores. A análise dos romances macedianos em questão privilegia o cruzamento entre o comportamento dos personagens e as prescrições de que tratam alguns exemplares da literatura prescritiva em circulação no Rio de Janeiro do período. Além disso, investiga alguns procedimentos narrativos que teriam por objetivo conduzir o leitor a identificar-se com determinados valores e padrões de conduta considerados, no contexto da narrativa, virtuosos.*

ABSTRACT *In the Nineteenth Century, the city of Rio de Janeiro presented with a large circulation of a prescriptive literature with the intention of providing values and patterns of reader's behaviour. By the mid of the same century, Joaquim Manoel de Macedo was acclaimed as a novel writer whose were considered by the literature criticism from this period as bearer of moralized character. This present dissertation investigates the relationship between modern novel and prescriptive literature focus on particularly in the circulation of this literature in the bookstores and libraries from Rio de Janeiro and in the analysis the novels A Moreninha and Os Dois Amores. Joaquim Manoel Macedo's novels' analysis privileges the crossing between characters' behaviour and the prescriptions dealt with some issues from prescriptive literature which circulated in Rio de Janeiro in that time. In addition to this, investigates some narrative producedures that aim to conduct the reader to identify with determinad values and patterns of behaviour considered virtuous in the context of narrative.*

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 10 de dezembro de 1998, sob a orientação da Prof^a Dr^a Márcia Azevedo de Abreu

Que relações manuais de civilidade e tratados de moral guardariam com o romance moderno e com alguns dos primeiros exemplares nacionais desse gênero literário?

À primeira vista é difícil imaginar qualquer tipo de ligação entre textos de naturezas aparentemente tão diversas. Entretanto, essa impressão não resiste a uma avaliação mais atenta.

Historicamente, a literatura prescritiva antecede a emergência do romance moderno. Enquanto este último sofria, no século XVIII, um processo de consagração e caía no gosto do público leitor, os livros de conduta já eram literatura de tradição estabelecida, com direito a obras de sucesso editorial, como por exemplo, *De civilitate morum puerilium* de autoria de Erasmo de Rotterdam. Essa anterioridade histórica secular não foi, contudo, capaz de impedir que a literatura prescritiva fosse envolvida em um terreno de disputa cujo maior adversário era justamente a emergente narrativa ficcional a qual os ingleses denominaram *novel*.²

Diderot e Madame de Staël empunharam armas em defesa do romance e não economizaram críticas à literatura prescritiva em geral e, em particular, aos tratados de moral cujos preceitos eram dispostos em máximas. Acreditavam eles estar esse gênero de texto destinado ao fracasso em sua intenção de formar homens virtuosos. Em lugar de máximas abstratas, alegavam, o romance moderno oferecia ao leitor a moral em ação, mostrando-se mais eficaz enquanto guia de conduta:

*Le don d'émouvoir est la grande puissance des fictions; on peut rendre sensibles presque toutes les vérités morales, en les mettant en action. La vertu a une telle influence sur le bonheur ou le malheur de l'homme, qu'on peut faire dépendre d'elle la plupart des situations de la vie. Il y a des philosophes austères qui condamnent toutes les émotions, et veulent que l'empire de la morale s'exerce par le seul énoncé de ses devoirs: mais rien n'est moins adapté à la nature de l'homme en général qu'une telle opinion; il faut animer la vertu, pour qu'elle combatte avec avantage contre les passions; il faut faire naître une sorte d'exaltation, pour trouver du charme dans les sacrifices; il faut enfin parer le malheur, pour qu'on le préfère à tous les prestiges des séductions coupables; et les fictions touchantes qui exercent l'ame à toutes les passions généreuses lui en donnent l'habitude, et lui font prendre à son insu un engagement avec elle-même, qu'elle aurait honte de rétracter, si une situation semblable lui devenait personnelle. Mais plus le don d'émouvoir a de puissance réelle, plus il importe d'en étendre l'influence aux passions de tous les âges, aux devoirs de toutes les situations.*³

Apresentando a moral em ação e suscitando emoções, o romance acabava, segundo esses ilustres admiradores, por carrear a identificação dos leitores com os personagens virtuosos. Por tais motivos, acreditavam, esse novo gênero literário seria pedagogicamente mais eficaz se comparado aos tratados de moral e livros de conduta.

² HUNTER, J.Paul. 'The novel and social/cultural history'. In: *The Cambridge Companion to the Eighteenth-Century Novel* edited by Richetti, John (University of Pennsylvania) Cambridge University Press, 1996.

³ STAËL, Germaine de. *Essai sur la fiction suivi de l'influence des passions sur le bonheur des individus et des nations*. Paris: Éditions Ramsay, 1979, p. 45. A primeira edição deste data de 1795.

As opiniões de Staël e Diderot não eram, contudo, compartilhadas pelos moralistas. Do outro lado das trincheiras, estes últimos manifestavam as mais diversas críticas ao romance. O *Novo Manual do Bom Tom*, obra em circulação no Rio de Janeiro do século XIX, traz um exemplo típico do teor de alguns dos argumentos por eles utilizados para afirmar o perigo da leitura de romances:

Um pai deve, sobretudo, proibir ás suas filhas a leitura de romances. Os melhores de todos, apenas dão idéias confusas e muito falsas do mundo e da vida positiva.

*A jovem acostumada a semelhante leitura, se chega a casar, fica desconsolada se não acha, como é natural, no seu marido o heróe do romance em que tantas vezes sonhou. Disto pode resultar a sua infelicidade, e algumas vezes a sua vergonha.*⁴

Temiam os moralistas que essas narrativas ficcionais levassem determinados tipos de leitores a nutrir sentimentos de insatisfação com relação à suas próprias vidas⁵, como o demonstra, por exemplo, a citação acima, na qual o autor refere-se particularmente à leitura de romances por mulheres. Essa preocupação ganha amplitude e sentido se considerarmos que o público consumidor desse gênero literário na Inglaterra e, provavelmente, em outros países “extended down the social scale to include not only clerks, trades people, and those who had taught themselves to read for pragmatic purposes, but considerable numbers of domestic servants, both men and women, and people who - with so much new reading material available - had learned to read for pleasure”⁶. A insatisfação com o cotidiano deveria, por certo, acometer parte dos leitores que se regozijavam com essas narrativas que apresentavam soluções imaginárias para eventos e situações reconhecíveis por eles em suas vidas diárias. Disto decorria, provavelmente, a preocupação dos moralistas, que compreendiam o gênero como uma ameaça à ordem estabelecida.

Essa arena de embates entre a literatura prescritiva e o romance moderno estendeu-se ao longo do século XVIII na Europa, estando presente, ainda, no Brasil do século XIX, por ocasião da emergência da literatura romântica nacional. Se, por um lado, o leitor brasileiro oitocentista teve acesso às críticas dos moralistas aos romances - via traduções para o português de exemplares da literatura prescritiva - por outro, teve

⁴ *NOVO MANUAL DO BOM TOM* Contendo Modemissimos preceitos de civilidade, politica, conducta e maneiras em todas as circunstancias da vida, indispensaveis á mocidade e aos adultos para serem bemquistos e caminharem sem tropeço pela carreira do mundo. Traduzido do francez de Luiz Verardi e offerecido ao publico brasileiro por um Amigo da Mocidade. Segunda Edição, melhorada e augmentada. Rio de Janeiro Publicado e á venda em casa dos editores-proprietarios Eduardo & Henrique Laemmert, Rua do Ouvidor 68,1872, p. 16.

⁵ *At best they thought novel reading a waste time, at worst a serious instument of evil. Three things especially concerned them: (1) that fictions, with imaginary solutions to problems and with heroes and heroines often rising above the social stations they were born into could mislead the young in their expectations about life, creating yearnings and dissatisfactions in those who lived ordinary, dull, or predictable lives; (2) that the “sentiments” in novels - their valuing of feelings over rationality and received - corrupted the reasoning of readers; and (3) that the depictions of romance and courtship (and the representation of the languages of sexual attraction) might not only warm the imagination but overheat the passions.* HUNTER, J. Paul. op.cit. p. 21.

⁶ HUNTER, J. Paul. op.cit. p.19.

acesso aos discursos dos críticos literários brasileiros que afirmaram insistentemente a necessidade de o romance cumprir um papel pedagógico-moral. É o que demonstra, por exemplo, a crítica anônima ao romance *Vicentina* de autoria de Joaquim Manoel de Macedo, publicada na revista *Guanabara*:

*O romance é d'origem moderna; veio substituir as novellas e as historias, que tanto deleitavam a nossos paes. É uma leitura agradável, e diríamos quasi um alimento de facil digestão proporcionado a estomagos fracos. Por seu intermedio pôde-se moralisar e instruir o povo fazendo-lhe chegar o conhecimento de algumas verdades metaphysicas, que aliás escapariam á sua comprehensão. Si o theatro foi justamente chamado a escola dos costumes, o romance é a moral em acção: o romancista tem ainda mais poder do que o dramaturgo; este só falla a alguns centenaes de pessoas, cujas posses e occupações lhes permitem de freqüentar os espectaculos, e aquelle dirige-se á numerosa classe dos que sabem lêr. Penetra no palacio e pousa sobre o esplendido bufete do rico e do nobre, sobre a meza de trabalho do litterato alcatifada de livros, folhetos e jornaes, dando a imagem perfeita do caos, [ininteligível] então penetra no alvergue do pobre, do artesão, e vae suavizar-lhe os amargores do trabalho recreando a sua intelligencia, e infiltrando nella os principios de moral e de sã philosophia, que devem servir-lhe de norma na escabrosa vereda da vida.*⁷ [grifos meus]

A crítica literária brasileira não estava alheia às discussões européias sobre o novo gênero de narrativa ficcional e às finalidades a ele atribuídas. Havia um consenso em torno das possibilidades de o romance apresentar-se ao leitor como verdadeiro guia de conduta, oferecendo-lhe um vasto repertório de valores morais a serem incorporados em sua vida cotidiana. Partindo de tal concepção, o leitor especializado do século XIX preocupou-se em avaliar tanto as qualidades técnicas (de acordo com os padrões da época) do romance nacional quanto suas potencialidades pedagógico-morais, atentando, como vimos acima, para a penetração desse gênero junto às classes populares. É desse duplo ponto de vista que os romances *A Moreninha* e *Vicentina* de autoria de Joaquim Manoel de Macedo - considerado o fundador do romance nacional - são analisados em crítica nas revistas *Minerva Brasiliense* e *Guanabara* nos anos de 1844 e 1855, respectivamente. Dentre os inúmeros atributos positivos de *A Moreninha*, Dutra e Mello apontava para o fato de o romance apresentar uma “*Linguagem casta e severa, acção viva e seguida, rigida moral, côr appropriada - eis o que nos cumpre.*”⁸ O caráter exemplar e moralizador da narrativa também era um elemento valorizado pelo crítico de *Vicentina*:

O plano é simples e de summa moralidade: é uma lição dada ás moças para que aprendam a preservar-se dessas serpentes, que se introduzem por entre as flôres,

⁷ VICENTINA. *Guanabara, revista mensal, artistica, scientifica e litteraria* redigida por uma Associação de litteratos e dirigida por Manoel de Araujo Porto Alegre, Antonio Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo, Rio de Janeiro, Tomo III, nº 1, março de 1855. p. 17.

⁸ MELLO, Dutra e. *A Moreninha. Minerva Brasiliense - Jornal de Sciencias, Letras e Artes*, publicado por huma associação de literatos, Rio de Janeiro, vol. II, nº 24, p. 746-751, outubro de 1844. p.750.

*que sussuram aos seus ouvidos palavras fementidas[sic], que abusam do juramento para immolal-as nas aras da volupia, dando-lhes em troco da sua credulidade a miséria e o opprobrio!*⁹

Não há como afirmar se a apropriação desses romances pelo público leitor (anônimo) brasileiro deu-se, no século XIX, da forma como imaginavam esses críticos. Seria necessário ter o registro documental dessas apropriações, o que se torna tão mais difícil na medida em que a leitura é uma prática que nem sempre deixa marcas. Contudo, pode-se afirmar certamente que o padrão de avaliação do leitor especializado - o crítico literário - modificou-se ao longo do tempo. Para esse grupo que representa a fala autorizada e especializada sobre a obra, a presença do discurso moralizante foi sendo progressivamente considerada um traço depreciativo da produção romanesca. Tal consideração torna-se evidente por meio da análise diacrônica dos discursos acerca dos romances de Joaquim Manoel de Macedo. No século XX, a moralidade que tanto encantava os contemporâneos do autor passou a ser um elemento que desqualificava suas obras.¹⁰

*Cuidando aumentar-lhes o interesse, e acaso também fazê-los mais literários, carrega o autor no romanesco, exagera a sentimentalidade até à pieguice, filosofa banalidades a faltar e moraliza impertinentemente. São romances morais, de família; leitura para senhoras e senhoritas de uma sociedade que deles próprios se verifica inocente, pelo menos sem malícia, e que, salvo os retoques do romanesco, essas novelas parecem retratar fielmente. A sua filosofia é trivial, otimista e satisfeita, conforme o espírito da época romanceada. A sua moral tradicional nos povos cristãos, sem dúvidas, nem conflitos de consciência, a moral de catecismo para uso vulgar.(...).*¹¹

A análise de José Veríssimo é duplamente relevante na medida em que evidencia o desconforto com relação ao discurso moralizante presente nos romances de Macedo e chama a atenção para uma prática às vezes comum e não raro pouco questionada, de se julgar o passado com os olhos do presente. Não há como afirmar, com certeza, se o que Macedo “filosofava” em seus romances, eram “banalidades” para o leitor do século XIX. Ademais, o fato de o autor moralizar “impertinentemente” estava, como tentamos demonstrar anteriormente, em perfeito acordo com o que se esperava, naquela época, desse tipo de produção literária. Por outro lado, tem-se presente nessa crítica aquela que seria, no século XX, a chave interpretativa mais comum sobre a produção romanesca de Macedo: a valorização de seus romances como documento de época.

Importa, sobretudo, perceber que trata-se de expectativas de leitura diferenciadas e historicamente construídas. Pode-se dizer que há uma inversão dos critérios de

⁹ VICENTINA. op. cit. p. 18.

¹⁰ Estamos sempre nos referindo aos romances de Macedo, excluindo, portanto, sua produção poética e teatral.

¹¹ VERÍSSIMO, José. Os próceres do Romantismo. In: *História da Literatura Brasileira: De Bento Gonçalves (1601) a Machado de Assis(1908)*. (1ª edição: 1916) São Paulo: Ed. Letras & Letras, 1998, p. 234.

juízo das obras: o que era valorizado no século XIX – a presença do discurso moralizador – passa a ser desvalorizado no século XX.

A historicidade das expectativas de leitura em relação ao romance em geral e, em particular, aos de Macedo foi alvo de investigação da dissertação de mestrado de que trata o presente artigo. A partir dos resultados obtidos - que colocaram o romance para a par com a literatura prescritiva no que diz respeito a seus fins - tornou-se plausível realizar o cotejamento de romances com manuais de civildade e tratados de moral em busca das práticas sociais que teriam sido alvo de máximas prescritivas ou de representações de comportamento dos personagens.

Desse modo, a dissertação de mestrado *O romance como guia de conduta: A Moreninha e Os Dois Amores* partiu da investigação sobre circulação da literatura prescritiva no Rio de Janeiro oitocentista, passando pelo estudo das relações entre o romance moderno e os manuais de conduta e tratados de moral para, finalmente, investigar as aproximações e distanciamentos entre esses dois tipos de textos.

No que diz respeito ao objeto de que tratam os romances e os manuais de conduta, pode-se dizer que, de maneira geral, ambos abordam práticas de sociabilidade comuns. Os bailes, saraus e visitas sociais são, ao mesmo tempo alvo das prescrições dos moralistas - que tentam determinar o comportamento adequado em tais situações de convívio social - quanto das representações de conduta dos personagens nos romances. No caso destes últimos, o narrador faz, com frequência, uma espécie de descrição de um comportamento modelo, típico de um determinado grupo de personagens. Essa descrição, de caráter generalizante, é seguida de um exemplo, capaz de fornecer-lhe especificidade. Tal “passagem” do geral para o particular não se dá sem que algum juízo de valor já tenha sido feito pelo narrador ou por algum personagem da trama que ocupa o papel de *raisonneur*. Esse procedimento narrativo é evidente em vários momentos dos romances *A Moreninha* e *Os Dois Amores*. Há um episódio no primeiro deles que é capaz de ilustrar com clareza tanto a elaboração do comportamento padrão de caráter generalizante, quanto o exercício de particularização posto em prática logo em seguida. A descrição de um grupo de senhoras que se encontrava hospedada na Ilha de... é feita de seguinte forma:

Uma, que só se entreteve, se entretém e se há de entreter em admirar a graça e encantos de duas filhas que consigo trouxera: e outra, que pertence ao gênero daquelas que nas sociedades agarram num pobre homem, sentam-no ao pé de si, e, maçando-o duas e três horas com enfadonhas e intermináveis dissertações, finalmente o largam, supondo que lhe têm feito grande honra e dado o maior prazer.¹² [grifo meu]

Para ilustrar esse “gênero” de senhora enfadonha e falante, o narrador apresenta d. Violante “em ação”, mantendo Augusto ao seu lado numa conversa interminável que avançava nos terrenos da vida privada da senhora em questão:

¹² MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. São Paulo,: Editora Ática, 1986, p.24.

A conversação continuou por uma boa hora; o aborrecimento, o tédio do estudante chegou a ponto de fazê-lo arrepende-se de ter vindo à Ilha de... Três vezes tentou levantar-se; mas d. Violante sempre tinha novas coisas a dizer: falou-lhe sobre a sua mocidade... seus pais, seus amores, seu tempo, seu finado marido, sua esterilidade, seus rendimentos, seu papagaio, e até sobre suas galinhas. Ah! falou mais que um deputado da oposição, quando se discute o voto de graças. Finalmente, parou um instante, talvez para respirar, e para começar novo ataque de maçada. Augusto quis aproveitar-se da intermitência: estava desesperado, e pela quarta vez ergueu-se.

- Com licença de V.S.a...

- Nada! - disse a velha, detendo-se e apertando-lhe a mão - eu ainda tenho muito que dizer-lhe.

- Muito que dizer?... - balbuciou o estudante automaticamente, e deixando-se cair sobre a cadeira, como fulminado por um raio(...).¹³

A resposta de Augusto ao comportamento de D. Violante é pouco civilizada. Contudo, o andamento do episódio deixa claro ao leitor que o rompimento de um determinado padrão de comportamento socialmente desejável estava, em verdade, sendo rompido há muito por D. Violante. Ao encaminhar a conversa sobre a sua pessoa - sua mocidade, seus pais, seu tempo e de seu finado marido - o personagem transgredir uma regra básica da conversação que consistiria, segundo os manuais de conduta, em evitar falar de si mesmo:

*Devemos fallar raramente de nós mesmos, e de tudo aquillo que nos pode dar louvor; porem quando a necessidade nos obrigar a dizer alguma cousa a nosso respeito, a diremos sempre em poucas palavras, com humildade e modestia, sem abater os outros, nem nos elevarmos acima deles*¹⁴

Caso o leitor quisesse aprender como se comportar em relação a um interlocutor semelhante ao personagem, encontraria num livro de conduta a seguinte prescrição:

*Confesso que he muitas vezes desagradavel o pagar o devido tributo de attenção a homens estupidos e pezados, a velhas feias e falladoras eternas; porem este he o preço mais baixo porque se vende a popularidade e o applauso geral, os quaes são dignos de comprar-se, ainda quando fossem mais caros.*¹⁵

Note-se que a caracterização de dona Violante - velha feia e faladora - aproxima-se muito daquela feita pelo moralista. Entretanto, este último não apresenta ao leitor uma situação concreta para servir-lhe de exemplo. O romance possibilita, de fato, vislumbrar

¹³ Ibidem. p.25.

¹⁴ NOVO MANUAL DO BOM TOM op. cit p. 95. (microfilme)

¹⁵ LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE escriptas no idioma espanhol por D. José de Urcullu e traduzidas por Francisco Freire Carvalho Rio de Janeiro na livreria de A. Freitas Guimarães & C.a rua do Sabão, n° 26, 1848. Aos pais e mães de família verdadeiramente empenhados na boa educação de seus filhos e filhas, D. e O. , o traductor portuguez, p. 172. (microfilme)

essa situação. Contudo, se fôssemos julgar o comportamento de Augusto com relação à D. Violante, diríamos que ele sustenta a prescrição do manual até um certo ponto, quando, cansado das inconveniências da senhora, resolve vingar-se, contrariando o código de conduta que até então o guiava.¹⁶ Mas esta violação do código de comportamento por Augusto assume, no contexto do romance, o caráter de uma reprimenda imposta, neste caso, à d. Violante. Em suma, cria-se uma situação na qual a senhora é ridicularizada por comportar-se mal perante o moço que, até então, mostrara-se extremamente polido para com ela. É importante notar que não seria necessário recorrer a um manual de conduta para compreender que o comportamento da senhora rompe com as regras de civilidade desejáveis naquela situação. O leitor pode interpretar o comportamento de d. Violante como desapropriado, em virtude da condução que o narrador e o desfecho do episódio lhe fornecem, sem o auxílio de qualquer outro texto. Nesse sentido, o romance pode servir, de fato, como um guia de conduta.

Em *Os Dois Amores* é possível encontrar, também, alguns procedimentos narrativos de condução do leitor. No romance em questão, os personagens viciosos ou vivem “prisioneiros” de uma tragédia pessoal que decorre dos erros advindos da entrega a uma paixão funesta, ou então tem seus valores transformados pelo exemplo de um personagem virtuoso. Não há, ao final da narrativa, oportunidade para que o vício se perpetue.

Entretanto, em *Os Dois Amores* encontra-se um artifício narrativo de caráter moralizador que não está presente em *A Moreninha* e que nos interessa particularmente. Esse artifício faz com que essa obra aproxime-se muito de determinados manuais de conduta.

Do conjunto da literatura prescritiva, pode-se destacar um grupo de obras relativamente extenso que não se reduz à apresentação de máximas. Tal grupo caracteriza-se pela utilização de narrativas, poemas e fábulas para exemplificar os preceitos de que tratam. Nos prefácios e introduções de seus livros os moralistas explicam o porquê de se valerem de tal recurso. Na *Advertência à edição de 1866 do Código do Bom Tom, ou, Regras de civilidade e de bem viver no século XIX*, por exemplo, J. I. Roquette observa:

Saiu à luz este opúsculo em 1845; três edições se tem publicado até este ano de 1866, mas em nenhuma delas se fez mudança no seu conteúdo e redação; não acontece, porém, assim nesta, que é a quarta mas a que chamaremos “nova edição”, porque efetivamente há nela muita coisa nova, com os necessários melhoramentos que o tempo e as circunstâncias pediam, e que hão de agradar e ser úteis aos benévolos leitores. Simplificaram-se alguns artigos que, para Portugal, eram algum tanto difusos; modificaram-se outros em harmonia com os novos usos que o tempo tem introduzido; entremearam-se várias anedotas chistosas que dão amenidade ao estilo didático do livro; e acresceram finalmente alguns contos morais em que transluz a virtude modesta entrelaçada com a

¹⁶ Augusto é requisitado por Dona Violante a fazer um diagnóstico de seus males. O personagem vê nessa ocasião uma possibilidade de livrar-se da senhora e diz que pelos sintomas descritos ela sofreria de hemorroidas.

Vinte anos depois da primeira edição, o autor do “opúsculo” informa ter feito duas ordens de modificações no texto original: de conteúdo - simplificando alguns artigos segundo as exigências do contexto português e modificando outros de acordo com a transformação dos usos daquele país - , e formais, trazendo para o corpo do texto anedotas e contos morais de modo a dar “amenidade” ao estilo do texto.

Pouco importava se o leitor a quem estes livros destinavam-se era adulto ou infantil, do gênero masculino ou feminino, os “moralistas” não poupavam argumentos para convencer o público de que sua obra lhe será útil e a leitura agradável. Esses argumentos esbarravam, não raro, na questão do estilo do texto. A preocupação com o estilo relacionava-se, provavelmente, com as críticas sofridas por esse tipo de literatura, pois como vimos anteriormente, a suposta “aridez” dos textos dos moralistas serviu ao questionamento de sua eficácia sobre os valores e condutas do leitor. Um outro motivo de crítica aos textos dos moralistas, referia-se ao também suposto caráter “abstrato” e “generalizante” dessas obras que dificultavam, do ponto de vista dos admiradores do romance moderno, o envolvimento do leitor por meio da simples apresentação dos preceitos. A justificativa para o uso de narrativas relacionava-se, também, a esse tipo de crítica. Na *Arte de Ganhar o Coração dos Maridos* Pradel critica, a certa altura, a “*mania que tem os moralistas, os metafísicos, de basear todos os seus sistemas em generalidades*”¹⁸ e diz que vai elucidar as questões relativas aos temas tratados em seu livro servindo-se de “observações e de fatos” que consistiam, na verdade em narrativas exemplares.

A maior parte das narrativas contidas nos livros de conduta parecem-se com sinopses de romances. Falta-lhes um desenvolvimento em todos os sentidos. As informações que o narrador fornece sobre o contexto espaço-temporal, os personagens e a trama são reduzidas ao mínimo. A bem da verdade, as narrativas a que recorrem os moralistas não apresentam o acúmulo de detalhes que permite um maior desenvolvimento dos personagens e o adensamento do enredo. No conjunto da obra, elas ocupam um papel secundário e acessório.¹⁹ Sua função é particularizar os preceitos

¹⁷ ROQUETTE, J. I. Advertência In: *Código do Bom Tom, ou, Regras de civilidade e de bem viver no século XIX*. SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 45.

¹⁸ *ARTE DE GANHAR O CORAÇÃO DOS MARIDOS* para uso das donzellas casadeiras por Eugenio de Pradel, membro de várias academias traduzida por F.P.A.A., Rio de Janeiro, Imprensa Americana, 1836, p. 52 e 53. (microfilme)

¹⁹ Mesmo que se pretendesse desenvolver tais narrativas, essa intenção encontraria limitações de ordem material. Considerando que a média de número de páginas dos livros de conduta consultados é superior a cem - o *Compendio de Civilidade Christã* tem 24 páginas; *O trato do mundo na vida ordinaria e nas cerimoniaes civis e religiosa*, 318 páginas, *Thesouro dos meninos*, 79 páginas; a *Arte de Ganhar o Coração dos Maridos*, 168 páginas; o *Novo Manual do Bom Tom*, 190 páginas e *Lições De Boa Moral de Virtude e de Urbanidade*, 192 páginas - e levando em conta os dois romances de Macedo *A Moreninha* e *Os Dois amores* têm, nas edições consultadas, respectivamente 118 e 400 páginas, pode-se imaginar que o desenvolvimento das narrativas dos livros de conduta segundo as técnicas do romance moderno implicaria numa aumento absurdo do volume de páginas dos mesmos a ponto de tornar sua publicação inviável.

morais e dar, como vimos, oportunidade para que sejam tecidas considerações sobre os vícios, as virtudes, e padrões de comportamento que elas ilustram.

Se nos manuais de conduta as narrativas ocupam um papel secundário, nos romances, o discurso de caráter prescritivo é que ocupa tal papel. Uma análise comparativa de *A Moreninha* e *Os Dois Amores* revela, contudo, que no segundo romance em questão, a tentativa de conduzir o leitor a identificar-se com determinados valores e padrões de comportamento acaba implicando na intensificação dos discursos moralizantes levados a cabo pelo narrador e no uso de uma estrutura textual muito semelhante aquela dos manuais de conduta. Em *Os Dois Amores* há inúmeros momentos em que o narrador inicia um capítulo “filosofando” sobre um tema a respeito do qual um ou mais de suas personagens servem de exemplo. O capítulo vinte e um, por exemplo, tem início da seguinte forma:

O amor é a paixão das inconseqüências e dos absurdos. A impossibilidade de bem defini-lo provém da mesma natureza dêsse sentimento. Tem-se escrito milhões de volumes sôbre o amor, e a inteligência humana ainda o não retratou com tôdas as suas côres, porque sempre êle se mostra com uma nova nuança.

Fizeram-no parente da amizade, deram-lhe até o grau de seu irmão; mas se realmente tanto nela como nêle há sempre um pendor para o objeto que nos é grato, diferem ambos em tudo que resta, tanto e tanto, que parecem mais inimigos do que deviam ser dois parentes tão chegados.

Diferem muito, diferem nos princípios e nos resultados.

O belo título de amigo adquire-se à custa de uma longa provação, que dura anos. Aglomeram-se obséquios sôbre obséquios; é preciso que o tempo e o trato mútuo de dois homens tenha feito conhecer a ambos sua também mútua dedicação, e o desinterêsse e a paciência, e até certo ponto conformidade de sentimentos, e de sentimentos que sejam nobres; para que no fim de tudo isso saia o nome de – amigo, – não da flor dos lábios, mas do âmago do coração.²⁰

Essas considerações do narrador sobre a amizade, encontram-se expressas, de maneira muito semelhante, no livro *Lições de Boa Moral Virtude e Urbanidade*. Nesse manual de conduta, o pai ensina aos filhos que as amizades requerem tempo para assim serem consideradas:

Não acrediteis que boas amizades se granjeiem de repente: a verdadeira amizade caminha a passos lentos; e não medra, huma vez que não esteja enxertada em um tronco de merecimento recíproco e conhecido.²¹

Entretanto, no romance o narrador vai além desse tipo de prescrição que alerta os filhos sobre as bases nas quais sustentam-se as verdadeiras amizades. Trata-se de mostrar como nascem o amor e a amizade, sendo o primeiro *filho do temperamento ou*

²⁰ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. São Paulo,: W. M. Jackson Inc Editôres, 1950, Grandes Romances Universais, Volume 12. p.181.

²¹ *LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE*. op. cit. p. 163.

da simpatia, de um curto momento onde não houve reflexão, diz o narrador, e a segunda, filha de um “*sentimento refletido, criado pela dedicação, amamentado pela virtude, educado cuidadosamente durante muitos anos*”²² e a natureza diversa de ambos:

*Aí tendes a amizade, virgem encantadora cheia de pureza, de formosura, de graça e de castidade; e o amor, menino impertinente, audacioso, exigente, importuno, teimoso... para dizer tudo, menino malcriado.*²³

Toda essa discussão sobre o amor e a amizade serve para fornecer ao leitor uma explicação para o amor que o personagem Henrique nutre por Mariana. Trata-se de um amor que esteve impossibilitado de se concretizar, a princípio devido ao fato de Mariana estar casada quando ambos se conheceram e, posteriormente, ameaçado pela revelação do suposto infanticídio cometido por ela. Esse é o contexto narrativo que suscita o seguinte comentário do narrador:

Se há um abismo, o homem lança-se dentro dêle; se lá dentro... se lá em baixo êle viu o rosto da mulher que ama...

Se há um muro de bronze, o homem trabalha uma vida inteira para lançá-lo por terra.

E nem os anos, e nem a ausência podem fazer esquecer a mulher que se ama.

Porque não houve gôzo.

E pode a mulher ser caprichosa e ligeira; pode zombar, pode parecer inconstante, pode desdenhar, podem mesmo asseverar que ela é falsa; o homem estará prêso a seus pés como um mísero escravo.

*Porque não houve gôzo.*²⁴

Essa teoria do gozo não realizado serve para explicar o sentimento de Henrique por Mariana:

É, com isto, e mercê destas considerações mil vêzes já enunciadas de modo mil vêzes melhor, que se explicava o amor extremoso e irresistível de que o jovem Henrique se achava possuído pela filha de Anacleto.

Henrique era um exemplo que se podia dar dos dois sentimentos que acabam de ser discutidos.

Laços de uma pura e virginal amizade o ligaram a Carlos. Grilhões de um amor tirânico e invencível o prendiam aos pés de Mariana.

*A amizade porém dos dois mancebos era mais velha que o amor de um dêles; e Carlos, com o zêlo de um amigo fiel, tinha acompanhado todo o correr dêsse amor, que durante muito tempo se lhe figurou em abismo*²⁵ [grifosmeus]

²² MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres* op. cit p.182.

²³ Ibidem. p.182.

²⁴ Ibidem.p.183-184.

²⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Dois Amôres*. op. cit p .184.

O narrador não deixa ao leitor a tarefa de estabelecer sozinho as relações entre o seu discurso e a atuação dos personagens. Depois de fazer suas digressões filosóficas sobre o amor e a amizade, faz questão de dizer ao leitor que Henrique é um exemplo “dos dois sentimentos que acabam de ser discutidos”, ou seja, da amizade fiel, alimentada por anos e de um amor cujo gozo não se consumou. Esse didatismo filosófico-moral cujos exemplos são recorrentes não é feito de maneira tão direta no romance *A Moreninha*. No primeiro romance macediano não se tem um narrador com uma postura tão prescritiva quanto em *Os Dois Amores*. Além disso, essa estrutura narrativa que organiza sequencialmente as prescrições e os exemplos, não raro chamando a atenção do leitor para o fato de um determinado personagem exemplificar perfeitamente o que o narrador acabara de dizer, não ocorre no primeiro romance de Macedo. Considerando que tanto no momento de emergência do romance moderno na Europa ocidental do século XVIII, quanto no século XIX entre os críticos brasileiros concebia-se esse gênero como uma espécie de texto cuja função social era servir de guia de conduta ao leitor, pode-se considerar que no romance *Os Dois Amores* Macedo leva essa máxima quase ao seu limite, fazendo com que essa obra se assemelhe consideravelmente a um tratado de moral. Esse procedimento narrativo utilizado pelo autor, se consideradas as concepções da crítica literária naquele período, não desqualificaria seus romances, como o fez a crítica do século XIX. Esta última, ao analisar as obras do autor, desprezou as expectativas de leitura daquele momento histórico, o que lhe impossibilitou de atribuir um novo significado à produção literária de um autor que ficou relegada aos domínios da “fundação do romance nacional” e do “documento de época”.

BIBLIOGRAFIA

- ARTE DE GANHAR O CORAÇÃO DOS MARIDOS** para uso das donzellas casadeiras por Eugenio de Pradel, membro de varias academias traduzida por F.P.A.A., Rio de Janeiro, Imprensa Americana, 1836. (microfilme)
- DIDEROT. **Éloge de Richardson**. In: Oeuvres Esthétiques. Paris: Éditions Garnier, 1968.
- HUNTER, J.Paul. ‘The novel and social/cultural history’. In: **The Cambridge Companion to the Eighteenth-Century Novel** edited by Richetti, John (University of Pennsylvania) Cambridge University Press, 1996.
- LIÇÕES DE BOA MORAL DE VIRTUDE E DE URBANIDADE** escriptas no idioma espanhol por D. José de Urcullu e traduzidas por Francisco Freire Carvalho Rio de Janeiro na livraria de A. Freitas Guimarães & C.a rua do Sabão, nº 26, 1848. Aos pais e mães de família verdadeiramente empenhados na boa educação de seus filhos e filhas, D. e O. , o traductor portuguez.(microfilme)
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. São Paulo,: Editora Ática, 1986.
- _____. **Os Dois Amôres**. São Paulo,: W. M. Jackson Inc Editôres, 1950, Grandes Romances Universais, Volume 12.
- MELLO, Dutra e. **A Moreninha**. **Minerva Brasiliense - Jornal de Ciências, Letras e Artes**, publicado por huma associação de literatos, Rio de Janeiro, vol. II, nº 24, p. 746-751, outubro de 1844.

NOVO MANUAL DO BOM TOM Contendo Modernísimos preceitos de civilidade, política, conducta e maneiras em todas as circunstancias da vida, indispensáveis á mocidade e aos adultos para serem bemquistos e caminharem sem tropeço pela carreira do mundo. Traduzido do francez de Luiz Verardi e offerecido ao publico brasileiro por um Amigo da Mocidade. Segunda Edição, melhorada e augmentada. Rio de Janeiro Publicado e á venda em casa dos editores-proprietarios Eduardo & Henrique Laemmert, Rua do Ouvidor 68,1872.

ROQUETTE, J. I. **Código do Bom Tom, ou, Regras de civilidade e de bem viver no século XIX.** SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

STAËL, Germaine de. **Essai sur les fictions suivi De l'influence des passions sur le bonheur des individus et des nations.** Paris, Éditions Ramsay, 1979.

VERÍSSIMO, José. Os próceres do Romantismo. In: **História da Literatura Brasileira: De Bento Gonçalves (1601) a Machado de Assis(1908).** (1ª edição: 1916) São Paulo: Ed. Letras & Letras, 1998.

VICENTINA. **Guanabara, revista mensal, artistica, scientifica e litteraria** redigida por uma Associação de litteratos e dirigida por Manoel de Araujo Porto Alegre, Antonio Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo, Rio de Janeiro, Tomo III, nº 1, março de 1855.